

# Jorge Andrade e Portugal<sup>1</sup>

Elizabeth R. Azevedo



<  
Amélia Rey Colaço  
e H. Morineau nos anos 60,  
fot. J. Marques  
[Cortesia do MNT].

Em 1967, a Companhia Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro estreou em Lisboa, no Teatro Avenida, o drama inédito do autor brasileiro Jorge Andrade (1922-1984), *Senhora na Boca do Lixo*. A peça havia sido escrita em 1963 e seria publicada posteriormente, em 1968, ano da sua primeira encenação brasileira.

Durante a minha estada em Lisboa, procurei informações que pudessem esclarecer como Amélia Rey Colaço entrou em contato com a obra de Jorge Andrade, porque se interessou por ela, como a crítica e o público portugueses receberam o espetáculo e porque a peça estreou em Portugal antes de ir à cena no Brasil.

Segundo a CETbase do Centro de Estudos do Teatro da Universidade de Lisboa, sabe-se que antes de 1967 Portugal já havia assistido a outras montagens desse autor: em novembro de 1963, o TEP [Teatro Experimental do Porto], encenara *A moratória*, texto premiado que dera fama nacional a Jorge Andrade. A própria Companhia Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro montara em 1965 o drama *A escada*, com encenação de Henriette Morineau e direção de cena de Pedro Lemos.

*A escada* fora apresentada entre outubro e dezembro em Lisboa, com récitas em Coimbra e Porto no ano seguinte,

tendo sido o espetáculo dessa companhia com mais tempo em cartaz. Amélia Rey Colaço encarregara-se do papel de Amélia; o marido, Antenor, fora vivido por Raul de Carvalho. O autor foi convidado pelo governo português a estar presente na 15ª récita, ocasião na qual recebeu inúmeras homenagens.

A crítica portuguesa considerou a montagem um sucesso e a "Amélia" de Rey Colaço uma de suas melhores interpretações, só comparável à *Visita da velha senhora*. O *Diário de Lisboa* declarou:

*A escada*, com hábil simbolismo, traduz este panorama de decadência e gestação do futuro através de um hábil contraponto que tem, teatralmente, uma solução segura e expressiva, não isenta, talvez, de cordelinhos, mas certamente emotiva e fortemente humana.<sup>2</sup>

Jorge Andrade, por sua parte, considerou a montagem portuguesa melhor do que aquela que fora feita no Brasil pelo TBC (Teatro Brasileiro de Comédia) em 62, por mostrar melhor a família como personagem central e pela excelente cenografia (de Lucien Donnat).

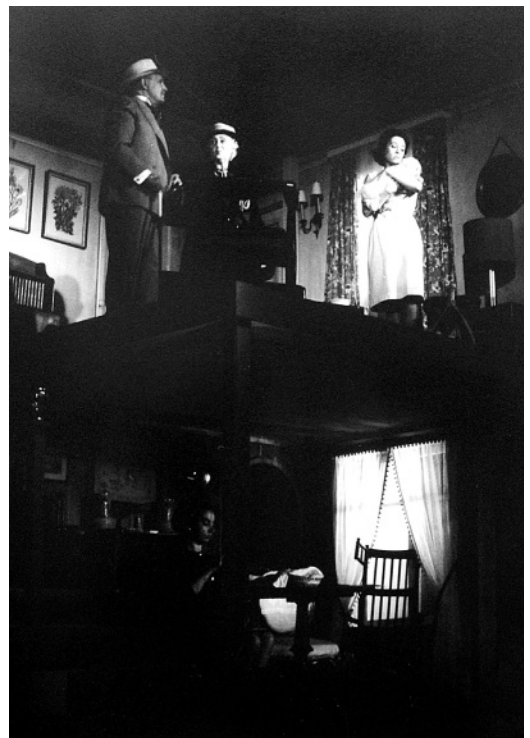
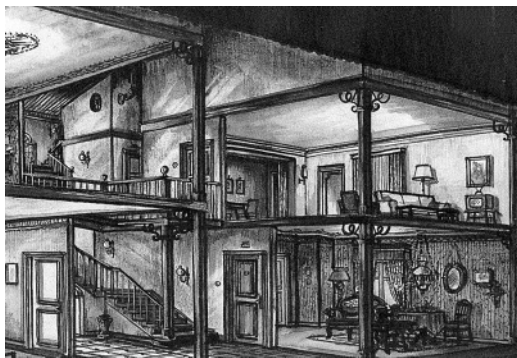
O texto havia sido sugerido à atriz portuguesa por Morineau, atriz francesa radicada no Brasil, que por sua

<sup>1</sup> Esta é uma versão resumida da comunicação apresentada no curso de Pós-graduação em Estudos de Teatro da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em junho de 2010.

<sup>2</sup> M. A. [Manuela de Azevedo] "A escada", no Avenida pela companhia do Nacional", *Diário de Lisboa*, Lisboa, [1965], s.p. [crítica existente no acervo da biblioteca-arquivo do Teatro Nacional D. Maria II]

Elizabeth Ribeiro Azevedo, bacharel em História pela Universidade de São Paulo, com Mestrado e Doutorado pela Escola de Comunicações e Artes da USP, é professora de Teatro Brasileiro no Departamento de Artes Cênicas da ECA/USP. Coordena o Laboratório de Informação de Memória do CAC/ECA, e o GT Teatro Brasileiro da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas e membro da Comissão de Pesquisa da ECA/USP.

<>  
v  
A escada,  
de Jorge Andrade,  
enc. Henriette Morineau,  
Companhia Rey  
Colaço-Robles Monteiro,  
Teatro Avenida, 1965  
(<- desenho do cenário de  
Lucien Donnat;  
> no alto, Amélia Rey  
Colaço, Raul de Carvalho  
e Gina Santos,  
em baixo, Maria Alvim;  
v direita no alto, Cecilia  
Guimarães, esquerda no  
alto, Isabel Ivone, direita  
em baixo, Guida Maria,  
esquerda em baixo,  
Loudes Norberto  
e ao centro, Manuel Correa)  
[Cortesia do MNT].



<sup>3</sup> Lê-se no programa do espectáculo: [na última apresentação de *Vereda da Salvação*] "Esperei que todos saíssem, aproximei-me e disse-lhe simplesmente: Jorge, sou Morineau. Nós nos abraçamos sem dizer uma palavra; o silêncio era mais eloquente. Para que falar banalidades?... foi esse nosso primeiro encontro. Nunca o esquecerei. Passaram-se anos e hoje, no ambiente da primeira Companhia de Teatro de Portugal (...), apesar da distância sintomática ao meu lado. Porque não estreitar os laços que nos unem, portugueses e brasileiros, no plano da arte? Há dois anos já que eu penso nesse intercâmbio cultural Luso-brasileiro. (...) Quando em setembro falei a este respeito, a sra. D. Amélia Rey Colaço ficou entusiasmada com a ideia e com a peça *A Escada*".

<sup>4</sup> E não 1966 como consta nos livros e sites brasileiros.

vez conhecera pessoalmente Jorge Andrade em 1964.<sup>3</sup> Morineau estava em Portugal com o apoio do Itamaraty, tendo lecionado no Conservatório e participado em diversos espetáculos da Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro como atriz e diretora. Eis o elo entre Jorge e Amélia.

Os nomes de Amélia e Jorge ligam-se aos períodos de transformação do teatro português e brasileiro no século XX. A Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro teve papel relevante no teatro lusitano ao tentar abri-lo para nomes da nova dramaturgia internacional (Lorca e Brecht, por exemplo, embora neste último caso não lhe tenha sido consentido pela censura levar à cena a *Mãe Coragem*), ainda que continuasse a trabalhar a encenação e a interpretação pelos padrões vigentes no início do século.

Jorge Andrade é, ao lado de Nelson Rodrigues, um dos dramaturgos fundamentais do teatro brasileiro moderno, revelado por (e presente nos) repertórios das duas mais importantes companhias teatrais brasileiras da época: o Teatro Brasileiro de Comédia (o TBC, atuante entre 1948-1964) e o Teatro Maria Della Costa (em atividade entre 1949-1974).

A estreia de *Senhora na Boca do Lixo* deu-se a 3 de janeiro de 1967<sup>4</sup>, tendo a encenação ficado a cargo de Varela Silva, com cenários de Pedro Leitão. Os papéis principais foram vividos pela própria Amélia Rey Colaço (Noêmia), Síndico Filipe (Delegado Hélio), Mariana Rey Monteiro (Camila) e Cecília Guimarães (Mãe/Marta).

Portanto, *Senhora na Boca do Lixo* foi o terceiro texto de autoria de Jorge Andrade encenado em Portugal, todos eles na década de 60, correspondendo aos anos de maior produção e sucesso do autor.

Ao lado de *Pedreira das almas*, *A escada*, *Os ossos do Barão* e mesmo *A moratória*, *Senhora na Boca do Lixo* é uma peça escrita e pensada para o estilo e o público do TBC e do TMDC, mais presa ao estilo realista. No entanto, o texto nunca foi levado à cena por nenhum desses grupos, tendo havido apenas uma encenação, em 1968, no Rio de

Janeiro, dirigida por Dulcina de Moraes. A crítica carioca, entretanto, receberia muito mal o espetáculo, atacando quase tudo: do texto ao cenário. Jorge Andrade aprou o golpe e acabou retrabalhando o texto para sua posterior publicação no volume *Marta, a árvore e o relógio*.

*Marta, a árvore e o relógio* foi publicado em 1970. O conjunto foi batizado com um nome especial, e não simplesmente "antologia" ou "obras escolhidas" ou "melhor teatro". Isso porque havia a intenção do autor de transformar um conjunto de 10 obras em uma só grande peça com dez partes, apresentando a grande saga do homem paulista (e brasileiro) desde o século XVII até à década de 60 do século XX.

*Marta, a árvore e o relógio* são símbolos, dentre muitos outros, presentes na obra andradiana. "Marta" é a força vital de mudança, o olhar crítico sobre o homem e o mundo e só surge como protagonista numa peça (ainda hoje não estreada em palco); a "árvore" representa a genealogia, as raízes, a terra, o esconderijo, o labirinto onde nos perdemos; o "relógio" é o tempo, suspenso (quebrado) para que a história se conte e encontre seu desenlace (quando volta a funcionar).

A peça *Senhora na Boca do Lixo*, situada na metade do ciclo, fala de Noêmia, figura da elite econômica e cultural paulista de antigos cafeicultores, os chamados "quatrocentões" que, diante da decadência econômica, tenta manter seu estilo de vida refinado fazendo um tipo de "contrabando light". Noêmia tem uma filha que desaprova suas atividades. Camila é mais uma das jovens heroínas andradianas que, confrontada com as dificuldades da vida, prefere arranjar um emprego "decente" ao invés de viver na ilusão de um passado "glorioso" que jamais voltará a ser realidade.

Detida, Noêmia é levada à delegacia. É aí, no segundo e terceiro atos, que a trama se desenrola com mais complexidade. O imóvel onde a delegacia está instalada é um antigo palacete que Noêmia costumava freqüentar, no

qual, aliás, conheceu seu marido. Fortemente impressionada pela volta a um local de sua juventude (um retorno a esse seu mundo perdido), a protagonista deixa-se levar pelas recordações, alienando-se cada vez mais do que acontece ao seu redor.<sup>5</sup>

Por outro lado, Noêmia está confiante de que suas boas relações com gente de prestígio e bem posta no governo lhe servirá de salvo-conduto diante das dificuldades. Assim, ela permanece impassível, vez por outra voltando "à terra" para interessar-se por um personagem que lhe faz contraponto - Mãe/Marta - representando a força da abnegação, da perseverança e do sacrifício da mulher simples, esposa e mãe de sindicalistas.<sup>6</sup>

As críticas portuguesas ao espetáculo foram frias, apontando falhas na caracterização dos personagens ou no pendor folhetinesco do enredo. Artur Ramos caracterizou Jorge Andrade como o mais europeu dos autores brasileiros, dada sua origem social, reconhecendo uma combinação "assaz perfeita" entre a emoção autêntica e a crítica ideológica em suas obras. Atribuiu, no entanto, algumas das deficiências apontadas não tanto ao texto em si, mas talvez a uma interpretação equivocada por parte dos atores. Contudo, abriu exceção para o desempenho de Amélia Rey Colaço, que classificou de "magistralmente equilibrado". Por outro lado, fez algumas sugestões ao autor: esclarecer a maquinação armada contra Noêmia e a identificação dos reais contrabandistas, além de melhorar os finais do primeiro e terceiro atos.<sup>7</sup>

A peça insere-se, como foi visto, em um momento no qual a obra de Jorge Andrade já havia sido reconhecida como uma das mais importantes na modernização do teatro brasileiro. Jorge Andrade, filho de tradicional família de ricos cafeicultores paulistas, nasceu no interior do estado de São Paulo, em Barretos. Aos sete anos de idade, viu a falência dos negócios de seu avô materno em meio à grande crise da depressão internacional de 1929, que levou à ruína a antiga oligarquia cafeeira e também à perda do seu poder político com a Revolução de 1930. Esta experiência foi marcante na história do jovem Jorge. Deu-lhe a consciência de pertencer a um grupo que desmoronava e com ele todo um mundo com seus símbolos e valores. Fez também com que se interessasse por sua origem, por sua história e por seu destino. Toda uma série de suas peças tem nessa busca, nessa procura, seu mote principal. Como lidar com essa herança? Quanto ela pode marcar o destino de alguém? Essas são peças que o crítico Décio de Almeida Prado chamou de peças "sobre o mundo".

Por outro lado, a relação de Jorge Andrade com sua família, especialmente com seu pai, foi sempre marcada por um conflito irreconciliável, dado seu crescente interesse por arte, literatura, música ou ópera. No ambiente do interior do país isso, por si só, já seria considerado estranho. Vivendo isolado na fazenda, ao lado de um pai para quem a maior felicidade era perder-se por meses nas matas caçando, acompanhado apenas de seus cães e de um fiel empregado, o gosto do menino, mais do que estranho, era

inaceitável. O enfrentamento entre ambos foi inevitável. "Você nunca deveria ter nascido!" foi uma das cruéis frases trocadas entre eles que ressoaria para sempre na vida e na obra do dramaturgo.

Assim, ao lado da busca de sua origem social e histórica, Jorge Andrade perdeu-se em um labirinto interno no qual circulava sem conseguir sair e se libertar. As peças que colocam ênfase nos desdobramentos dessa dor foram chamadas de "peças do Eu". A obra de Jorge Andrade está então marcada fortemente pela inter-relação dessas duas vertentes em graus variados conforme o caso: o mundo no eu, o eu no mundo.

Nos anos 50, após abandonar a fazenda da família, foi aconselhado a ingressar na Escola de Arte Dramática - EAD, fundada em 1948 pelo mesmo grupo que dera origem ao Teatro Brasileiro de Comédia para moldar uma nova geração de atores, autores e diretores, destinada a modernizar o teatro brasileiro. Jorge Andrade foi um dos primeiros frutos desse esforço. Na escola, entrou em contato com os melhores textos clássicos e contemporâneos. Estudou os autores modernos, investigou as questões da interpretação. Formou-se enfim sob uma nova perspectiva que não a do comercialismo das companhias profissionais. Ao concluir o curso, já era um autor premiado e reconhecido como um nome fundamental do novo teatro brasileiro.

Uma nota pessoal importante a ser mencionada é seu casamento com Helena Almeida Prado, originária das chamadas famílias "quatrocentonas". Mais do que a própria Helena, Jorge Andrade avaliava o peso dessa herança sobre vários de seus personagens: viver em função de um passado que está sendo superado por uma sociedade cada vez mais complexa e diversificada socialmente, onde o valor pessoal passou a contar mais do que sangue ou nome. Esta questão está na base das peças que escreve nos anos 50 e início dos 60, ligadas ao TBC (reduto reconhecido da elite paulista): *Pedreira das almas* (sobre a revolução de 1842, o abandono das minas esgotadas, a procura de novas terras produtivas), *A escada* (uma família decadente, velhos ainda vivendo das lembranças da corte imperial, a presença do *alter ego* Vicente), *Os ossos do Barão* (a chegada dos imigrantes italianos que conquistaram o lugar dos antigos senhores) e *Senhora na Boca do Lixo*.

Em resumo, a dramaturgia de Jorge, que começara a ganhar complexidade diante do realismo logo no princípio de sua carreira com *A moratória*<sup>8</sup>, viu retardado o desdobramento dessa experiência noutros textos formalmente mais ousados em função de seu relacionamento com o TBC<sup>9</sup>. Contudo, em meados dos anos 60, a obra ganhou maior amplitude social com *Vereda da salvação*, por um lado, e, por outro, um mergulho mais profundo na história do autor no autobiográfico *Rasto atrás*.

*Vereda da salvação*, estreada em 1964, marcou um ponto de viragem. A começar pelo tema: o messianismo e as peníveis condições de vida dos trabalhadores rurais (que Jorge conhecia tão bem). A peça, escrita numa linguagem inventiva e poética, é certamente seu melhor

<sup>5</sup> *A Boca do Lixo* (ou Cracolândia) é uma região da cidade de São Paulo onde se encontravam as grandes residências da elite cafeeira paulista - o bairro dos Campos Eliseos de meados do século XIX - e que hoje é dominada pelo tráfico de drogas e baixo meretrício.

<sup>6</sup> É preciso lembrar que Jorge Andrade escreve e reescreve este drama durante o período da ditadura militar brasileira (64/68-1980) e que teve problemas com a censura por seu ataque à Igreja e às autoridades constituídas. Em Portugal a situação repetiu-se (v. dossiê n. 8457 da Secretaria Nacional de Informação).

<sup>7</sup> Artur Ramos, "Uma peça brasileira estreada em Lisboa", *Seara Nova*, Lisboa, fevereiro, 1967, pp. 59-60.

<sup>8</sup> *A moratória* rivalizaria com *Vestido de noiva* como a peça que inaugura o teatro brasileiro moderno.

<sup>9</sup> O Teatro Brasileiro de Comédia notabilizou-se pela renovação do teatro brasileiro em termos de encenação: presença do diretor, trabalho de grupo, renovação da interpretação, busca de uma literatura dramática de qualidade internacional.

&lt;&gt;

*Senhora na Boca do Lixo*,  
de Jorge Andrade,  
enc. Varela Silva,  
Companhia Rey  
Colaço-Robles Monteiro,  
Teatro Avenida, 1967  
(< Sínde Filipe  
e Varela Silva;  
> Amélia Rey Colaço  
e Sínde Filipe),  
fot. J. Marques  
[Cortesia do MNT].



trabalho e uma das mais belas peças do repertório brasileiro, muito embora não tenha feito sucesso na época.

Por outro lado, em 1966 teve seu drama *Rasto atrás*, premiado e encenado pela companhia oficial então existente – o Teatro Nacional de Comédia. *Rasto atrás* é um mergulho na relação de Jorge Andrade com seu meio, sua família (seu pai especialmente) e sua vida de autor. A estrutura da peça é feita de quadros nos quais o protagonista se desdobra em quatro idades simultaneamente. Os recursos visuais significativos de luz, projeções de filmes e slides, trabalhados pelo diretor Gianni Ratto, reforçam os aspectos épicos e expressionistas da peça.

Diante das novas buscas estéticas e das difíceis condições de encenação do momento, o autor abandonou a expectativa de ser posto novamente em cena e se sentiu livre para escrever duas peças ainda mais complexas e ambiciosas: *As confrarias*, com 43 personagens, e *O sumidouro*, com quase o mesmo número. Os espaços cênicos são múltiplos (mata, corte, casa de Vicente, vila, salão do papa, etc.) e os recursos de projeções de imagens retomados. Ambas permanecem inéditas.<sup>10</sup>

Embora com esses dramas tenha posto um ponto final ao ciclo *Marta, a árvore e o relógio*, a obra de Jorge Andrade não se encerrou aí. Na década de 70, ainda compôs alguns trabalhos, dos quais *Milagre na cela* é o mais significativo por denunciar a tortura e a repressão do regime militar. Ao mesmo tempo, sua produção desviou-se para a televisão, tendo escrito cerca de quatro novelas para diferentes canais. Atribui-se aos sérios aborrecimentos profissionais desse período seus problemas de saúde e falecimento em 1984.

Pelo exposto, vê-se que a obra de Jorge Andrade passou por um momento de “acomodação” depois do sucesso inicial e de retomada da experimentação depois de sua separação do grupo do TBC. E foi justamente nesse momento, quando já não tinha mais “sua casa”, que Jorge Andrade viu seus textos serem montados em Portugal, especialmente por um grupo que, sob alguns aspectos, se

aproximava da linha do Teatro Brasileiro de Comédia – pelo requinte das montagens, pelo gosto da boa literatura dramática e pelo tipo de público. Se no Brasil o teatro tomava novos rumos (Teatro de Arena, Teatro Oficina, criação coletiva), perdia o pouco apoio oficial existente e isolava Jorge Andrade como autor, em Portugal ainda havia espaço para seus textos.

De alguns anos para cá, a obra de Jorge Andrade tem sido retomada no Brasil, como aconteceu com Nelson Rodrigues. Registe-se também que em 2004, em Portugal, houve a remontagem de *A escada* pelo grupo União Mucifalense. Quem sabe seja possível, a partir de um maior intercâmbio entre o teatro português e o brasileiro, que Jorge Andrade volte a interessar aos encenadores e ao público lusitano, certamente capazes de lidar com seus textos mais ambiciosos.

## Referências bibliográficas

- ANDRADE, Jorge (1970), *Marta, a árvore e o relógio*. São Paulo, Perspectiva.
- AZEVEDO, Elizabeth Ribeiro (2003), *Recursos estilísticos na dramaturgia de Jorge Andrade*. São Paulo, Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo.
- Centro de Estudos de Teatro da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. <http://www.fl.ul.pt/CETbase/default.htm>. Acessado em 25 de maio de 2010.
- Enciclopédia Itaú de Teatro. [www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia\\_teatro](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_teatro). Acessado em 25 de maio de 2010.
- SANT'ANNA, Catarina (1997), *Teatro e metalinguagem*. Cuiabá, EdUFMT.
- SANTOS, Vitor Pavão dos (org.) (1989), *A Companhia Rey Colaço Robles: 1921 - 1974: correspondência*. Lisboa: Instituto Português do Património Cultural.
- SANTOS, Vitor Pavão dos (textos) e Margarida Palhinha (coord.) (1987), *A Companhia Rey Colaço - Robles Monteiro* (catálogo de exposição). Lisboa: Instituto Português do Património Cultural.

<sup>10</sup> Em maio de 2010 o LIM CAC – Laboratório de Informação e Memória do Departamento de Artes Cênicas da ECA-USP – promoveu um encontro sobre o autor no qual o prestigiado grupo paulista TAPA realizou uma leitura dramática de *O sumidouro*.